

ESTEREÓTIPOS**SADAO OMOTE**

As pessoas interagem umas com as outras continuamente nas mais variadas situações da vida cotidiana. Essa interação é mediada pela percepção interpessoal, que não depende apenas dos estímulos percebidos no momento da interação. Conhecimentos que os interlocutores têm uns em relação a outros influenciam essa percepção. Mesmo quando os interlocutores têm pouco conhecimento um do outro ou sequer têm qualquer interação anterior, podem agir como se já conhecessem algumas características do seu interlocutor. A aparência física, tanto corporal quanto a vestimenta e outros acessórios utilizados, pode sugerir algumas informações sobre a pessoa. Entretanto, essas informações podem não corresponder, de fato, ao interlocutor. Em vez disso, podem ser atribuições feitas pelo percebedor. Essas atribuições podem ser determinadas pela aparência, que sugere a faixa etária, as condições socioeconômicas e etnoculturais, eventualmente até mesmo o nível cultural e outras qualidades inferidas.

Os contatos iniciais permitem formular uma caracterização da pessoa, com base em poucas informações captadas e muitas atribuições feitas a partir daquelas informações. Esse processo é particularmente intenso, quando o percebedor consegue incluir o seu interlocutor em alguma categoria social conhecida, como trabalhador braçal, professor, aposentado, desempregado, pobre ou rico, deficiente etc. Ao identificar a categoria social na qual a pessoa pode ser encaixada, imediatamente algumas características lhe são percebidas (ou atribuídas). Esse processo perceptivo ocorre em função de uma construção social associada a diferentes categorias de pessoas. São os estereótipos sociais.

A palavra estereótipo é empregada no presente contexto para designar a imagem mental simplificada a respeito de categorias de pessoas e se expressa por meio de conglomerado de poucas palavras descritivas. Os estudos de estereótipos a respeito de categorias de pessoas com deficiência evidenciam claramente esse fenômeno (Omote, 1986 e 1988).

Por meio de um pequeno conjunto de qualificadores, cada categoria de pessoas com deficiência, identificada por meio de um rótulo específico, é descrita com relativo consenso. Cada categoria de deficiência é descrita por meio de um conglomerado de adjetivos, identificando suas presumidas características, sugerindo a sua especificidade. Ao mesmo tempo, um número restrito de qualidades é utilizado na caracterização sumária das quatro categorias de deficiência estudadas (deficiência mental, deficiência visual, deficiência auditiva e deficiência física), sugerindo possuírem características comuns. Cada categoria de pessoas com deficiência específica é parte de uma categoria mais ampla de pessoas com deficiência, como a de excepcionais, como no passado eram referidas.

Outro aspecto notável se refere a atribuição de traços diferentes em função das características de quem faz a atribuição. Assim, os conglomerados de adjetivos utilizados por estudantes da Habilitação em Educação Especial de um curso de Pedagogia são diferentes dos de estudantes de um curso de Pedagogia onde não há Habilitação em Educação Especial. Alguns poucos adjetivos são comuns a ambos os grupos.

Esses resultados deixam bem clara a natureza dos estereótipos. Embora se tratem de parte do processo perceptivo, há uma carga razoável de atribuição e não de apreensão da realidade. Mais ainda, essa atribuição de traços depende do perfil do próprio percebido. Na realidade, trata-se de uma percepção simplificada a respeito de uma categoria de pessoas, na qual há tanto apreensão das características reais quanto atribuição de outras qualidades não portadas pelas pessoas pertencentes à categoria.

Trata-se de uma percepção inicial simplificada de pessoas pertencentes a uma determinada categoria, a qual tende a modificar-se na medida em que ocorrerem interações entre o percebido e o percebido. Portanto, os estereótipos podem orientar as interações iniciais, mas tendem a modificar-se com a interação continuada, contribuindo para que a percepção de pessoas de uma categoria seja baseada em características efetivamente apresentadas por elas.

Considerando os efeitos da estigmatização sofrida por pessoas com deficiência, pode-se aventar a hipótese de as pessoas interagirem com os estigmatizados em função dos estereótipos iniciais, podendo até criar situações que levem o estigmatizado a comportar-se de conformidade com os estereótipos.

Referências

[Omote, Sadao](#) (1986). Estereótipos a respeito de pessoas deficientes. *Didática*, v. 22, p. 167-180.

Omote, Sadao (1988). Alguns resultados de estudos de estereótipos a respeito de pessoas deficientes. *Vivência*, São José (SC), v. 4, p. 2-6.